Convenio FENIPE e FATEFINA Promoção dos 300.000 Cursos Grátis Pelo Sistema de Ensino a Distancia – SED
CNPJ º 21.221.528/0001-60
Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 333 do Livro A-l das Fls. 173/173 vº, Fundada em 01 de Janeiro de 1980, Registrada em 27 de Outubro de 1984
Presidente Nacional Reverendo Pr. Gilson Aristeu de Oliveira
Coordenador Geral Pr. Antony Steff Gilson de Oliveira

APOSTILA Nº. 07/300.000 MIL CURSOS GRATIS EM 21 PAGINAS.

Apostila nº 07
esta apostila tem 21 paginas sobre a Teologia de DEUS.
Parte – I
Estudo sobre a Teologia de DEUS,

Estou apresentando aqui um pequeno trabalho sobre Rudolf Bultmann e suas teorias. É claro que não está exposto tudo o que o teólogo alemão escreveu, porém, procurei esboçar o que me foi possível de seus materiais, contendo suas idéias principais e métodos hermenêuticos.

Procurei também apresentar aqui uma crítica conscienciosa à Rudolf Bultmann, pois, apesar dele ter sido um teólogo controverso, não deixa de ocupar seu papel de importância e destaque na Teologia Contemporânea, alcançando assim, apesar de tudo, o nosso respeito pelos seus escritos. Sendo assim, vi também, no âmago de suas doutrinas, um desejo sincero em tentar mudar o cristianismo de sua época, com o objetivo de tirá-lo da teoria e colocando-o na prática. Talvez, os escritos de Bultmann sejam como uma voz desesperada do homem moderno, que está a clamar, dizendo: “ONDE ESTÁ DEUS, AFINAL DE CONTAS?”

I. RUDOLF BULTMANN

Nasceu em 20 de agosto de 1884, em Wiefeldstede em Oldenburgo, Alemanha, e seu pai era um ministro evangélico. Bultmann passou sua carreira inteira no mundo acadêmico. Ensinava em Marburgo desde 1912 até 1916; depois foi catedrático assistente em Breslau até 1920. Por muito pouco tempo, tinha a posição de catedrático em Giessen, e voltou para Marburgo em 1921, onde permaneceu até sua

aposentadoria em 1951. Não foi um ativista político, mas apoiou a Igreja Confessional durante a era de Hitler.

Estudioso enciclopédico, conhecia muito sobre o judaísmo, Antigo Testamento, crítica bíblica, estudos neotestamentários, cultura clássica, teologia histórica, ciência moderna, teologia contemporânea e religiões mundiais. Pertence à ala radical da crítica bíblica germânica.
Bultmann revelou decididamente a sua posição e sintetizou-a na conferência intitulada "O Novo Testamento e a Mitologia", proferida em 1941, em Alpirsbach, Alemanha, para a Sociedade de Teologia Evangélica. Fala dos evangelhos como sendo a "teologia da igreja".

II. O TOTALMENTE OUTRO
O corpo bultmaniano é um corpo impressionante de livros e artigos, sendo que boa parte dele é dedicada a uma exegese altamente técnica do Novo Testamento.
A desmitologização, proposta por Bultmann, trata do problema especial de procurar perceber a proclamação do N.T. no contexto do quadro mítico do mundo no século I, e indicar como este quadro mítico do mundo não é necessário ao modo específico de entender a existência expressada ali.
A ação de Deus está oculta a todas as vistas, exceto aos olhos da fé. Somente os acontecimentos chamados naturais, profanos (mundanos), são visíveis a todos os homens e suscetíveis de verificação. Em Crítica da Razão Pura, Immanuel Kant (1724-1804) sustentava que o único conhecimento disponível à humanidade é o que podemos perceber pelos sentidos. Ele não abria espaço à possibilidade do conhecimento revelado ou sobrenatural. A confissão de fé no Deus criador não é uma garantia, dada de antemão, que me permita atribuir qualquer acontecimento à vontade de Deus. Crer assim, segundo Bultmann, é panteísmo. A fé que fala de Deus como ato não pode defender-se contra a acusação de ser uma ilusão. A idéia do Deus Onipresente e Todo-Poderoso só se faz real em minha existência pessoal por sua Palavra, pronunciada aqui e agora. Por conseguinte, devemos afirmar que a Palavra de Deus só é o que é no instante em que é pronunciada. A Palavra de Deus não é um enunciado atemporal, senão uma palavra concreta dirigida aos homens aqui e agora. Podemos, pois, dizer em conclusão que o panteísmo é, certamente, uma convicção prévia, uma visão geral do mundo, que afirma que todo acontecimento que se produz no mundo é obra de Deus, porque Deus é imanente ao mundo. (Paulo, então, foi panteísta? Rm. 1:20) Jesus concebia o advento do reino de Deus como um tremendo drama cósmico. A primitiva comunidade cristã entendeu o reino de Deus no mesmo sentido que Jesus. Ela também esperava o advento do reino de Deus imediatamente. Mesmo Paulo pensava estar

ainda vivo quando chegasse o fim deste mundo e os mortos ressuscitassem. O cristianismo tem conservado sempre a esperança de que o reino de Deus virá em um futuro imediato, ainda que o tenha esperado em vão. Podemos citar, assim, Marcos 9:1, cujas palavras não são autênticas de Jesus, senão que lhe foram atribuídas pela comunidade primitiva.

Os mitos atribuem uma objetividade mundana a aquilo que é não-mundano. Em geral, a ação de Deus na natureza e na história permanece tão oculta ao crente como ao não-crente. Esta esperança de Jesus e da primitiva comunidade cristã não se cumpriu. Existe ainda o mesmo mundo e a história continua. O curso da história tem desmentido à mitologia. Porque a concepção do reino de Deus é mitológica, como o é a do drama escatológico.
O sistema, repudiado por Barth nos seus anos posteriores, é precisamente o sistema ao qual Bultmann adere com toda a força: uma "afirmação da 'diferença qualitativa infinita' entre o tempo e a eternidade nas suas várias implicações negativas e positivas". Conforme indica Ogden, Deus é a realidade que infinitamente transcende tudo o que, paradoxalmente, está ao mesmo tempo relacionada com todas as coisas. Porque Ele é o totalmente Outro, porém, nada na natureza ou na história – nada, por exemplo, que o homem é ou faz – pode diretamente revelar a Deus. Nas palavras do próprio Bultmann: "Deus é o Criador, i.é., não está imanente nas ordenanças do mundo, e nada que se encontra conosco como fenômeno dentro do mundo é diretamente divino". A fé cristã somente pode dizer: "Creio que Deus atua aqui e agora", mas Sua ação é oculta, porque não é diretamente idêntica ao acontecimento visível. Ainda não sei o que Deus faz, e talvez nunca chegue a sabê-lo, mas creio firmemente que é importante para minha existência pessoal e devo perguntar-me o que é que Deus me diz. Talvez me diz tão somente que devo sofrer em silêncio. Toda a concepção do mundo que pressupõe tanto a pregação de Jesus como o N.T., é, geralmente, mitológica, por exemplo, a concepção do mundo como estruturado em três planos: céu, terra e inferno; o conceito de poderes sobrenaturais no curso dos acontecimentos e a concepção dos milagres, especialmente a idéia da intervenção de uns poderes sobrenaturais na vida interior da alma, a idéia de que os homens podem ser tentados e corrompidos pelo demônio e possuídos por maus espíritos. A esta concepção do mundo, qualificamos de mitológica, porque difere da que tem sido formada e descoberta pela ciência, desde que esta se iniciou na antiga Grécia, e logo foi aceita por todos os homens modernos. Em todo caso, a ciência moderna não crê que o curso da natureza possa ser interrompido ou, por assim dizer, perfurado por uns poderes sobrenaturais. Bultmann chega a

nos perguntar se por acaso temos lido alguma vez que os acontecimentos políticos, sociais ou econômicos sejam ocasionados por uns poderes sobrenaturais como Deus, os anjos ou os demônios!

O homem moderno já não pode aceitar estas concepções mitológicas de céu e inferno, porque, para o pensamento científico, falar de “acima” e “abaixo” no universo tem perdido toda a sua significação, ainda que a idéia da transcendência de Deus e do mal segue sendo significativa.

Podemos acreditar que Deus estava operante num evento, mas não podemos demonstrar a realidade de Deus mediante um apelo àquele evento. A história, como a natureza, é uma continuação fechada de causas e efeitos, onde até mesmo os motivos humanos são suscetíveis à explicação causal. Bultmann assevera ainda que: “Este aspecto fechado significa que a continuidade dos acontecimentos históricos não pode ser rompida pela interferência de poderes sobrenaturais e transcendentes, e que, portanto, não há ‘milagre’ neste sentido da palavra. Semelhante milagre seria um evento cuja causa não se achasse dentro da história. Ao passo que, por exemplo, a narrativa do A.T. fala de uma interferência por Deus na história, a ciência histórica não pode demonstrar semelhante ato de Deus, mas meramente percebe que há aqueles que crêem na interferência.”

Isso é igualmente válido pelo que se refere ao moderno estudo da história, o qual não tem em conta nenhuma intervenção de Deus, do diabo ou dos demônios no curso da história. Nada ocorre, por acaso, que não tenha uma motivação racional. Naturalmente, subsistem ainda numerosas superstições nos homens modernos, mas são exceções ou algumas anomalias.

A invisibilidade de Deus exclui todo mito que intente fazer visível a Deus e sua ação; Deus mesmo se esconde às olhadas e à observação. O homem que deseja crer em Deus deve saber que não dispõe absolutamente de nada sobre o qual possa construir sua fé, e que, por dizê-lo assim, está se apoiando no vazio.
O conselho de Bultmann, enfim, é que “os que têm a visão moderna do mundo, que vivam como se não tivessem nenhuma”.

III. A DESMITOLOGIZAÇÃO

A linguagem do universo do N.T. é mítica. A essência do mito está em conceber o supra-terreno e divino como se fosse terreno e humano. A Bíblia expressa o que o autor crê, e não o que realmente aconteceu.

A linguagem do mito perde seu sentido mitológico quando serve para expressar a fé. O que devemos fazer, para Bultmann, é interpretar essa mitologia. A teologia tem diante de si a tarefa de reler o N.T., desmitologizando o mito. Este seria o único caminho possível para a proclamação do N.T. Então, torna-se inevitável a pergunta: é possível que a pregação de Jesus acerca do reino de Deus e a pregação do N.T. em sua totalidade tenham ainda importância para o homem moderno? Isso é sem sentido e impossível, para Bultmann. A pregação do N.T. anuncia a Jesus Cristo, não somente sua pregação acerca do reino de Deus, senão, antes de tudo, sua pessoa, que foi mitologizada desde o mesmo início do cristianismo primitivo. O Próprio Jesus entendeu-se à luz da
mitologia. Seja como for, a comunidade primitiva o viu assim, como uma figura mitológica. A proclamação cristã de hoje se encontra diante da pergunta se ela espera do ser humano a aceitação da concepção mítica do universo passada, quando o conclama à fé. Seria então a tarefa da teologia desmitologizar a proclamação cristã. A concepção mítica do universo não é, como tal, nada especificamente cristão, mas é simplesmente a concepção do universo de uma época passada, ainda não moldada pelo pensamento científico. A primitiva comunidade também considerava a pessoa de Jesus à luz da mitologia quando diziam que havia sido concebido pelo Espírito Santo, que havia nascido de uma virgem e que era o Filho de Deus de uma forma metafísica. Tais concepções são manifestamente mitológicas, porque eram muito difundidas nas mitologias anteriores dos judeus e gentios, e depois foram transferidas à pessoa histórica de Jesus. Nenhum ser humano adulto imagina Deus como um ser existente em cima, no céu; sim, o "céu" no sentido antigo sequer mais existe para nós. Tampouco existe o inferno, o mundo inferior, etc. Eliminadas estão assim as histórias da ascensão de Cristo ao céu e descensão ao inferno. Eliminada está a expectativa de um "filho do homem" vindo sobre as nuvens do céu e do arrebatamento dos crentes no ar, ao seu encontro. Para Bultmann, a revelação vem em símbolos que devem ser decodificados. Usando o termo dele, devem ser desmitologizados. O homem moderno não entende que ele esteja destinado a sofrer o destino de morte de um ser natural, em consequência da culpa de seu ancestral, pois é algo que não tem cabimento, porque só conhece a culpa como ação responsável. É, pois, a Palavra de Deus a que chama o homem à verdadeira liberdade, à livre obediência, e a desmitologização não tem outro objetivo que aclarar esta chamada da palavra de Deus. Quer interpretar a Escritura interrogando-se pelo significado mais profundo das concepções mitológicas e libertando a palavra de Deus de uma visão do mundo já superada.

A figura do Anti-cristo tal como nos é descrita, por exemplo, na Segunda Epístola aos Tessalonicenses 2:7-12, constitui uma figura inteiramente mitológica.
Além da razão teológica para a desmitologização, há uma razão apologética. O homem moderno pensa de modo científico, em categorias rigorosamente causais. Através do conhecimento das forças e leis da natureza está eliminada a crença nos espíritos e nos demônios.

A desmitologização adota como critério para a interpretação da Escritura a visão moderna do mundo. Pois, a visão de mundo da igreja primitiva, é passada e obsoleta. O homem moderno não aceita mais a mitologia como verdade, pois seu pensamento foi modelado pela ciência e não tem nada de mitológico.

Quando uma apologética grosseiramente mal-orientada insiste na fé na realidade dos mitos bíblicos ao invés da fé no significado subjacente destes mitos, está colocando uma pedra de tropeço falsa no lugar do verdadeiro escândalo.
A mitologia é aquela forma de linguagem figurada em que aquilo que não é deste mundo, aquilo que é divino, é representado como se fosse deste mundo, e humano; “o além” é representado como “o aqui e agora”.

É um método de hermenêutica, que procura extrair a noz da significância compreensiva da casca de uma cosmovisão antiquada.

Seu alvo não é eliminar as declarações mitológicas mas, sim, interpretá-las.
A cosmovisão das Escrituras é mitológica e, portanto, inaceitável ao homem moderno cujo pensamento tem sido formado pela ciência e que deixou, portanto, de ser mitológico.

Para o homem de nosso tempo, a concepção mitológica do mundo, as representações da escatologia, do redentor e da redenção, estão já superadas e carecem de valor. Cabe esperar, pois, que realizemos um sacrifício do entendimento, um sacrificium intellectus, para aceitar aquilo que sinceramente não podemos considerar verídico – somente porque tais concepções nos são sugeridas pela Bíblia? Ou bem temos que passar por alto os versículos do N.T. que contêm tais concepções mitológicas e selecionar as que não constituem um tropeço deste tipo para o homem moderno? Devemos abandonar as concepções mitológicas precisamente porque queremos conservar seu significado mais profundo. Um princípio hermenêutico adequado, o modo certo de fazer as perguntas certas. É impossível restabelecer a concepção mítica

do universo, depois que o pensamento de nó todos foi irrecorrivelmente moldado pela ciência. Não se nega que a cruz, que a Igreja proclama, seja um “evento mitológico”, mas através deste evento – e somente através deste evento – Deus opera para salvar o homem da sua vida de inautenticidade.

Considerada como evento salvífico, a cruz de Cristo não é, portanto, um acontecimento mitológico; é um acontecimento verdadeiramente histórico, que tem sua origem num evento meramente histórico, na crucificação de Jesus de Nazaré. Assim, Cristo foi crucificado “por nós”. Não no sentido de uma teoria de “satisfação” ou de sacrifício vicário. Podemos dizer então que Deus se “demonstrou” a Si mesmo pelos “feitos da redenção”? De maneira nenhuma. Porque o que nós chamamos feitos da redenção são, por sua vez, objeto de fé, e somente podemos compreendê-los pelos olhos da fé. Não podemos percebê-los fora da fé, como se esta, à semelhança das ciências naturais, pudesse apoiar-se em dados acessíveis à observação empírica. Certo é que os feitos da redenção constituem os fundamentos da fé, mas somente enquanto são percebidos pela mesma fé.

É suficiente dizer que a fé nasce do encontro com as Sagradas Escrituras enquanto Palavra de Deus, e que não é outra coisa que um simples escutar? A resposta, segundo Bultmann é afirmativa, pois para ele, a Palavra de Deus está “oculta” nas Escrituras.
Neste ponto o teólogo e pregador deve a si e à comunidade, bem como àqueles a quem deseja atrair para a sua comunidade, clareza e sinceridade absolutas.

O que sobra quando as “formas” são analisadas, aqueles segmentos solidificados de matéria biográfica que a igreja primitiva criou visando propósitos de propaganda? Virtualmente nada. Como resultado desta investigação, parece que o esboço da vida de Jesus, conforme é fornecido por Marcos e adotado por Mateus e Lucas, é uma criação editorial, e que, como consequência, nosso conhecimento real do decurso da vida de Jesus é restringido ao pouco que se pode descobrir nas cenas individuais que constituem a tradição mais antiga. Por conseguinte, supor que a antiga visão bíblica do mundo pode ser atualizada, não é mais que a formulação de um desejo. A desmitologização, com isto, invalida a Bíblia.

A máquina cósmica passa a ser o único terreno legítimo da investigação humana, pois além da máquina, nada podemos saber.

IV. MILAGRE

O homem moderno só reconhece como reais os fenômenos ou os acontecimentos que resultam compreensíveis no marco da ordem racional do universo. Não admite a existência de milagres, porque não se encaixam nesta ordem racional. O homem moderno, assim, usa a ciência como resposta para tudo.
Porque, neste mundo, absolutamente nada de Deus e de Sua ação é ou pode ser visível aos homens que andam buscando sua segurança neste mundo.
Quem pensa que se pode falar de milagres como se fossem acontecimentos demonstráveis, suscetíveis de prova, peca contra a idéia do Deus que atua de maneira oculta. O método crítico pressupõe que a história seja uma unidade integrada de causa e efeito que não pode ser rompida pela ação de Deus. Em função disso, não se pode constatar um milagre na história.

Somente posso falar do que Deus faz em mim aqui e agora, do que Deus me diz, a mim mesmo, aqui e agora. Agora, temos de perguntar-nos de novo se é possível falar de Deus como ato sem incorrer em uma linguagem mitológica. Falar de Deus como ato não significa falar dEle por meio de símbolos ou imagens. Porque quando falamos assim de Deus como ato, concebemos a ação de Deus como análoga às ações que têm lugar entre os homens. Pode-se objetar então que, neste caso, o acontecimento da revelação de Deus é tão somente a ocasião que nos proporciona uma compreensão de nós mesmos, e que esta ocasião não a reconhecemos como uma ação que intervém em nossas vidas reais e as transforma. Em uma palavra, a revelação não nos é reconhecida como um milagre. Não se pode utilizar luz elétrica e aparelho de rádio, em casos de doença empregar modernos meios médicos e clínicos, e simultaneamente acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres do N.T.

Para Bultmann, ao estudar milagre, deve-se diferenciá-lo em dois termos alemães, os quais são: Wunder, que segundo o teólogo alemão é a autêntica ação de Deus, e Mirakel, que para ele diz respeito à ação de Deus mitologizada. Para Bultmann, Mirakel deturpa o reconhecimento da ação de Deus, pois é uma violação da natureza. Neste sentido, ou seja, como violações das leis da natureza, é uma maneira de julgar, pertencente a uma visão antiga de mundo e que não é mais amplamente crida na era moderna. Em contraste, Wunder é um evento que parece, objetiva e universalmente, ser consistente com o conhecimento das leis da natureza e, ao mesmo tempo, perceptível pela fé como sendo um ato de Deus.

Bultmann diz que pode-se interpretar, em virtude de uma falsa

concepção acerca da onipotência, cada evento do mundo como sendo uma ação de Deus (Mirakel). Desta forma, o conceito de Mirakel, para ele, desenvolve-se sendo concebido como algo fora do nosso mundo. Já o conceito de Wunder, por outro lado, reflete nossa experiência histórica, como aquela na qual nós próprios nos encontramos surpreendidos por atos de amor e amizade.

Quando a ação divina é concebida como sendo produzida em um nível superior de causalidade, Deus é concebido simplesmente como um homem que conhece e que pode fazer mais do que todos os outros homens. Se estes puderem apenas imitarem o método (como, por exemplo, fazem os mágicos), eles serão tidos como possuidores da mesma capacidade. (Deus sendo colocado no mesmo grau de um ilusionista)
A idéia de Mirakel tornou-se, pois, insustentável e deve ser abandonada. Mas, seu abandono é também exigido porque, em si mesma, ela não é uma noção da fé, mas uma noção puramente formal. Como se sabe, os Mirakel's podem ser úteis ou inúteis, desejados ou temidos. Da mesma que há uma magia negra e uma branca, os Wunder's podem ser realizados por Satanás ou por Deus, por bruxos ou profetas. A casualidade "superior" pode ser divina ou demoníaca e o Mirakel não permite, por si mesmo, descobrir se ele procede de Deus ou do demônio.

Nenhum argumento contrário pode ser baseado sobre o fato de que na Bíblia os eventos são narrados como devendo ser denominados de Mirakel. Este fato torna meramente necessário o uso do método crítico que mostra que a idéia de Mirakel não foi vista de maneira conseqüente pelos escritores bíblicos – de acordo com as pressuposições de seu pensamento – e que o seu abandono não implica o abandono da autoridade da Escritura.

A fé está inquestionavelmente relacionada com o Wunder, desde que "Wunder" signifique a ação de Deus distinta da sequência dos eventos no mundo natural. Assim, se o caráter específico de Wunder é o de designar a ação de Deus, distinta dos eventos do mundo natural, e se estes não são concebidos por nós senão como submetidos às leis, então a noção de Wunder contradiz absolutamente aquela de natureza e eu elimino a idéia de natureza quando falo de Wunder.

Na verdade, fé em Deus e fé no Wunder são, essencialmente , a mesma coisa. (Então, Deus é só uma força ativa?)

O Wunder não pode, em nenhum sentido, ser um evento do mundo

constatável em qualquer lugar e de qualquer maneira que o seja, pois neste caso eu o separaria de Deus e o compreenderia como mundo. Deus, com efeito, não é constatável.
A fé é fé justamente em oposição à visão, em contradição expressa com tudo o que eu vejo; a fé no Wunder deve, também, estar em contradição expressa com tudo o que eu vejo no mundo. (E o caso de Jesus e de Tomé?)

Porque pedir um sinal é característico dos judeus? (I Co. 1:22) Porque essa atitude revela a própria essência natural da impiedade deles, a saber, o esforço na busca de "sua própria justificação". Eles avaliavam a si mesmos por aquilo que eles foram, e estimavam os outros pelo que estes realizavam. E como eles desejavam se justificar a si mesmos diante de Deus através de suas
obras, assim, Deus deveria se justificar a si mesmo diante deles através de Suas obras. O Mirakel é uma tradução desesperada do saber ocultar nossa queda no passado, é uma maneira primitiva, obscura de dizer que se compreende a ação de Deus em Sua oposição a todos os eventos e a todos os atos mundanos. Vê-se que cada ato escatológico, cada ato de fé e de amor, cada uma das ocupações familiares, profissionais, cívicas, etc., do cristão – contanto que sejam em si realizadas subordinando a "idéia de trabalho" à "idéia de fé" – é um Wunder.

V. O JESUS DESMITOLOGIZADO DE BULTMANN

O que Deus fez em Jesus Cristo não constitui um feito histórico suscetível de ser provado historicamente. O historiador objetivante, como tal, não pode constatar que uma pessoa histórica (Jesus de Nazaré) seja o Logos Eterno, a Palavra. É precisamente a descrição mitológica de Jesus Cristo no N.T. o que nos mostra claramente que a pessoa e a obra de Jesus Cristo devem ser compreendidas segundo um ponto de vista além das categorias com que o historiador objetivo compreende a história universal, se é que a pessoa e a obra de Jesus Cristo deve ser entendida por nós como obra divina da redenção.

A revelação de Deus em Cristo como fato concreto na história não é de relevância para Bultmann. O Kerygma e a história concreta não têm muito a ver um com o outro e, assim, a fé não precisa da história. Há um desinteresse pelo histórico. Para ele tudo se concentra no Cristo kerygmático como evento escatológico presente.

Bultmann pergunta se o acontecimento de Cristo não é um resto mitológico a ser eliminado? A compreensão cristã do ser que se adquire através da fé em Cristo não poderia ser obtida sem o N.T.? Recorrer à

cruz do Jesus histórico seria válida apenas para os primeiros discípulos, para nós trata-se de um evento do passado e como tal não é mais um evento de nossa própria vida.

Cristo, em Bultmann, não tem história. Este somente é real na proclamação, pois do Jesus histórico pouco podemos saber. Com isto, Jesus é valorizado pelo teólogo alemão como talvez uma parábola!

Crer na cruz não significa que vemos um evento mitológico que se realizou num mundo externo. Significa que aceitamos a cruz de Cristo, como nossa própria cruz, permitindo-nos crucificar com ele. A própria ressurreição é objeto de fé. A ressurreição não deu origem à fé, durante aquele período de quarenta dias, mas a fé é que originou a ressurreição.

Jesus Cristo, como o filho de Deus, uma figura mítica na qualidade de ser divino preexistente, é simultaneamente um determinado ser humano histórico, Jesus de Nazaré. Bultmann, pessoalmente, acha que Jesus não afirmou ser o Messias. E se fosse, o pensamento da morte, segundo Bultmann, não é tão acabrunhador para quem sabe que após três dias terá de ressurgir!

A historicidade da vida de Jesus, conforme é descrita no quarto evangelho, é, na opinião de Bultmann, de bem pouco valor. A Cristologia de Paulo e de João foram, em particular, orientadas por esse mito gnóstico.

A palavra me diz que a graça de Deus é uma graça prévia, que já atuou em meu favor, mas não de tal maneira que eu possa voltar-me para vê-la como um acontecimento histórico do passado. Pois, a Palavra de Deus só é Palavra de Deus quando acontece aqui e agora. Assim, o ser humano vive no pecado quando deixa-se seduzir pelo invisível e pelo disponível. Para Bultmann, o pecado, em sua essência, não é uma questão moral, é rebelião e reivindicação diante de Deus, permanecendo escravo da vida inautêntica.

Não há nenhum meio de nos livrarmos do passado. Com efeito, nós não podemos, enquanto seres temporais, ser livres do passado de tal maneira que ele pudesse ser, pura e simplesmente, cancelado e ignorado; de tal maneira que pudéssemos receber qualquer coisa como uma nova natureza – se pudéssemos recebê-la, certamente não poderíamos nos manter nela. Nós sempre
chagamos no nosso momento presente a partir e com o nosso passado. Pois, nós não somos plantas, animais ou máquinas, e nosso presente é sempre qualificado pelo nosso passado. A questão crítica é saber se o

nosso passado nos é presente como manchado pelo pecado ou como perdoado. Assim, o Wunder de Deus é o perdão.

Todo Wunder não é jamais visível senão em virtude do único Wunder do perdão. Ora, o perdão não é um ato do passado: eu não o tenho como perdão senão enquanto o tenho como uma posse sempre renovada.

No N.T., os Wunder's são registrados como tendo a característica de Mirakel, principalmente os Wunder's de Jesus. Da mesma forma, se todos eles foram historicamente estabelecidos, é ainda verdade que como obras de um homem no passado, não concernem diretamente a nós em coisa alguma. Sob esta relação eles não são a obra de Cristo, se nós entendermos por obra de Cristo a obra da salvação. Cristo também distribuiu preceitos, mas isto não é seu principal ofício, mas sim um ofício acidental.

Por essa razão, no âmbito dessa discussão, os "Wunder's de Jesus" estão inteiramente abertos à investigação crítica, pois eles são eventos do passado. Nada impede de explicá-los como obra do diabo (Mc. 3:22), ou como atos pelos quais Jesus se justifique (Mc. 8:11 ss.) e em virtude dos quais querem torná-lo rei (Jo. 6:14 ss.), ou como meios utilizados para a garantia de sua própria vida (Jo. 6:26).

Não podemos entender a doutrina da satisfação propiciatória através da morte de Cristo, porque, como pode minha culpa ser expiada pela morte de um inocente (se é que se pode falar de alguém assim)? Que mitologia primitiva que um ser divino feito ser humano expie através de seu sangue os pecados dos seres humanos! Ao crermos no evento da morte e ressurreição de Cristo nos é dada a possibilidade de compreensão de nós mesmos. (e isto seria a salvação?)

A escatologia mítica está eliminada, fundamentalmente pelo simples fato de que a parousia de Cristo não ocorreu muito em breve, como o N.T. o aguardava. Assim, aplicar a idéia de revelação à personalidade de Jesus, seria tão absurdo quanto aplicar a idéia de criação ou de Wunder ao mundo visto como natureza.

Na verdade, que é este Jesus apresentado por Bultmann? Talvez um "gurú" apaixonado e confuso da contracultura, que foi recriado à imagem dos homens que o reinterpretaram.

VI. DESMITOLOGIZAÇÃO: PROPOSTA AO EXISTENCIALISMO

Segundo a desmitologização bultmaniana, a palavra de Deus exorta o

homem a que renuncie o seu egoísmo e à ilusória segurança de que o mesmo tem construído. O exorta a que se volte a Deus, que está mais além do mundo e do pensamento científico. O exorta, ao mesmo tempo, a que encontre o seu verdadeiro eu. Porque o eu do homem, sua vida interior, sua existência pessoal, se encontra realmente mais além do mundo visível e do pensamento racional.

O saber a respeito de sua autenticidade já torna o ser humano capaz de atingi-la. Sua autenticidade é aquilo que ele, embora não o realize permanentemente, pode a qualquer momento realizar. Assim, para Bultmann, o Espírito Santo não é uma pessoa, nem um poder que invade a nossa vida, nem é possessão dos crentes; antes é a "possibilidade efetiva da nova vida". Para ele, a fé genuína em Deus é existencial, não uma realização por meio do nosso próprio esforço.

O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente – melhor: de modo existencialista. Para Bultmann os fatos históricos do passado devem ser abordados em atitude existencial. O conjunto de acontecimentos históricos somente é compreendido mediante a participação existencial do sujeito. Assim, Bultmann relaciona a interpretação da história com a interpretação existencialista. Para ele, história e historicidade diz respeito a um fato histórico do passado que pode ser observado pelo historiador neutro. A historicidade é a significação histórica
de um texto para mim. A criação, a redenção ou a ressurreição estão inseridas no âmbito da historicidade, pois somente podem ser compreendidas na dimensão da fé. A crucificação já pode ser objetivada pela história, mas também ganha uma significação historicista, quando tenho que crer nesta para a salvação.

Por conseguinte, tratamos de saber simplesmente que filosofia nos oferece, na atualidade, as perspectivas e as concepções mais adequadas para compreender a existência humana. Neste aspecto, creio que podemos aprender algo da filosofia existencialista, porque a existência humana constitui o primeiro objeto que suscita a atenção desta escola filosófica. A filosofia teria dado clareza última à compreensão do ser que no N.T. estava encoberta pela roupagem mitológica. a teologia seria desnecessária e até incômoda para a filosofia.

Para a filosofia existencialista, a existência humana só é autêntica no ato de existir. Esta filosofia não pretende, nem de longe, garantir ao homem uma auto-compreensão de sua própria existência pessoal, posto que semelhante auto-compreensão de minha existência pessoal

somente pode se dar nos instantes concretos do meu “aqui” e do meu “agora”. Ao não dar uma resposta à questão de minha existência pessoal, a filosofia existencialista me torna pessoalmente responsável dela e assim contribui a abrir-me a palavra da Bíblia. A fé cristã e o amor não são grandezas misteriosas e sobrenaturais, mas são posturas autênticas humanas.

A afirmação de que a existência do homem possa ser analisada sem levar em conta sua relação com Deus, pode ser qualificada de decisão existencial, mas esta eliminação não procede de uma preferência puramente subjetiva, senão que se fundamenta na intuição existencial segundo a qual a idéia de Deus não se acha a nossa disposição quando construímos uma teria da existência humana.

A afirmação de que Deus é criador não pode ser um enunciado teórico sobre Deus como creator mundi em um sentido geral. Esta afirmação somente pode ser uma confissão pessoal declarando que eu me compreendo a mim mesmo como uma criatura que deve sua existência a Deus. Ademais, os enunciados que descrevem a ação de Deus como uma ação cultual, e nos apresentam a Deus, por exemplo, oferecendo Seu Filho como vítima expiatória, não são legítimos, a não ser que se entendam em um sentido puramente simbólico.

O fato de que a filosofia existencialista não leva em conta a relação entre o homem e Deus, implica na confissão de que eu não posso falar de Deus como meu Deus, vendo ao interior de mim mesmo. Minha relação pessoal com Deus somente pode ser estabelecida por Deus, pelo Deus atuante que vem a meu encontro em Sua palavra. (Descarta-se a revelação natural)

O idealista não entende como um PNEUMA, atuante como força natural, possa atingir e influenciar sua postura psíquico-intelectual. Ele se sabe responsável por si mesmo e não entende como no batismo de água lhe possa ser transmitido algo misterioso, que então passaria a ser o sujeito de seus desejos e ações. Não entende como uma refeição lhe possa transmitir força espiritual e como a participação indigna na ceia do senhor possa acarretar enfermidade física e morte.

Isto significa que eu não posso alcançar a idéia de criação fazendo abstração de minha existência e compreender, “interpretar” qualquer coisa fora de mim como sendo criação ou ação de Deus, mas que em efetuando essa idéia eu digo primeiramente alguma coisa sobre mim mesmo. Eu ajo sempre e em todas as situações como se eu mesmo fosse criador, e assim entendo a idéia de criação.

A idéia de Deus e a sua ação estão relacionadas, primariamente, com a minha vida, com a minha existência, com o conhecimento de que esta existência é ímpia, na qual eu não posso encontrar e nem ver a Deus. Essa idéia afirma que eu não posso ver a Deus se Ele não se mostrar a mim por sua ação e que eu não tenho o direito de falar dEle à minha maneira nem de ter, não importa o que, algo como realizado por sua ação. (assim, Cristo como ação de Deus, fica inválido)
Francis Schaeffer disse que "o sonho utópico do iluminismo pode ser resumido em cinco palavras: razão, natureza, felicidade, progresso e liberdade. Era absolutamente secular nas suas idéias. Os elementos humanistas que haviam surgido durante a Renascença chegaram ao apogeu no iluminismo. Era o homem partindo de si mesmo, absolutamente."

VII. DESMITOLOGIZAÇÃO: PROPOSTA HERMENÊUTICA
Para Bultmann, a desmitologização é um método hermenêutico, que resolve a dificuldade do homem moderno de crer. Assim, na concepção de Bultmann, o teólogo não pode dispensar a filosofia, procurando superara limitação da hermenêutica tradicional historicista. As idéias de Schleiermacher, sobre o dado em comum entre o autor e o leitor que é a humanidade de ambos, na interpretação, é bem vinda a Bultmann.

Quando interrogamos a Bíblia, qual é o interesse que nos guia? Não há dúvida de que a Bíblia é um documento histórico, e temos de interpretá-la segundo os métodos da investigação histórica, isto é, temos de estudar sua linguagem, a situação histórica de seus autores, etc. Mas, qual nosso verdadeiro e real interesse? Temos de ler a Bíblia como se tratasse-se unicamente de um documento histórico, que nos serviria de "fonte" para reconstruir uma época passada? Ou então a Bíblia é algo mais que uma fonte histórica? Da minha parte, creio que nosso interesse há de apoiar-se realmente em escutar o que a Bíblia tem a nos dizer atualmente, e o que constitui a verdade acerca de nossa vida e de nossa alma. (Então, o significado é formulado pelo leitor?)
A hermenêutica existencialista é a base para a compreensão bíblica, segundo Bultmann. Para tal, ele usa uma investigação chamada de crítico-histórico formal (por isto, dizem que Bultmann não despreza a hermenêutica tradicional). Bultmann exclui dessa investigação o Evangelho de João. Na sua opinião este livro é por sua natureza muito menos histórico que os outros evangelhos que o precederam.

Bultmann também usa o método das religiões comparadas. Ele tenta de vários modos mostrar a existência de relações entre o N.T. e as religiões não cristãs, como se a fé cristã seja resultado de vários conceitos

religiosos. Para Bultmann é impossível uma teologia (exegese) que seja livre de premissas. No mesmo instante ele exige que ela esteja livre de preconceitos.

Pretender que uma exegese possa ser independente das concepções profanas é uma ilusão. Então, o ponto de partida para o conhecimento de Deus seria antropocêntrico. A filosofia, com isto, é competente para elaborar o quadro conceptual. Esta não é tarefa da teologia. O intérprete precisa ter uma compreensão prévia do assunto transmitido no texto e uma relação vital com o assunto contido no texto, ou seja, a pré-compreensão, a participação do leitor na vida humana o possibilita a interpretar a participação do autor. Isto acontece quando o leitor é arrebatado pela história, podendo até mesmo se ver na história. Deve haver então, uma identificação do intérprete com o autor, como um sentimento de empatia. Bem, a filosofia como um dos meios para a interpretação é bem vinda, mas, o grande problema é que Bultmann a coloca como a única base para a exegese!

A crítica da visão mitológica do mundo peculiar da Bíblia e da pregação eclesiástica, presta um valioso serviço à fé, porque a chama a uma reflexão radical sobre sua própria natureza. Os textos não somente transmitem informações, mas me revelam coisas que me dizem respeito.

O grande perigo é que, segundo Westphal, a teologia vista assim, poderia então privilegiar uma outra figura da história contemporânea, em lugar de Jesus, com o objetivo de compreender a existência humana.

VIII. CRÍTICA À BULTMANN

“Quais razões obrigatórias convencem um estudioso da estrutura de Bultmann de que Deus, inescrutável e imprevisível, Fonte e Sustentador da realidade, agiu de modo redentor num Homem cuja historicidade, é dúbia e cujo alegado significado advém a nós através de uma neblina mitológica que somente a erudição sofisticada pode penetrar? Bultmann, conforme as premissas dele, não pode apelar a qualquer testemunho interno do Espírito Santo – outro conceito mitológico! Logo, se o homem moderno não quer ou não pode apelar a um voluntarismo muito não científico, sua única alternativa é o ceticismo ou o ateísmo. Então, Bultmann fica sendo um João Batista para o movimento de Deus-está-morto.”

O Dr. Herman diz que Bultmann repele todo acordo entre a fé e a

ciência, em que as consequências desta última sejam negadas ou não se conciliem com o conteúdo daquela. A interpretação da obra redentora de Deus, apresentada por Bultmann, segundo o Dr. Herman, não se orienta pelo N.T., e sim por uma filosofia praticamente atéia. Porém, os quatro primeiros dez mandamentos transmitidos a Moisés (Êx. 20:1-17) referem-se ao relacionamento da humanidade com Deus. Eles mandam aceitar o nosso lugar de criaturas de Deus.

Para Euler R. Westphal, Bultmann dá a primazia para a filosofia, pois esta determinou sua produção teológica. Inclusive, ele procurou superar a estrutura hermenêutica tradicional, não como teólogo, mas como filósofo da interpretação. Assim, para Westphal, há um sentimento pastoral genuíno em Bultmann, mas, seu método tem muita correlação com Paul Tillich. Westphal diz ainda que Bultmann criou uma "religião racionalista".

O problema é que em Bultmann, toda a história da revelação se limita àquele momento em que o ser humano aceitou o presente da graça de Deus através da palavra da pregação. Assim, a história salvífica é resumida num ponto qualquer no tempo. A hermenêutica de Bultmann, para Westphal, torna-se inadequada quando estreita a compreensão do ser humano e reduz a teologia a um universo conceptual filosófico sem fundamento histórico.

Bultmann, faz da sua concepção de ciência e da crítica histórica um princípio de interpretação, tornando a ciência, em alguns casos, objeto de fé e juíza da Escritura.
O grande problema desta hermenêutica antropocêntrica de Bultmann, é que é prejudicial a toda criação de Deus, pois este tipo de religião onde o homem é o centro, acaba desrespeitando as demais criaturas de Deus, pois desta forma, os cristãos encaram os seres humanos como o ponto alto da criação, pois só eles foram criados à imagem de Deus, e acabam com isto, até mesmo prejudicando os demais seres (Pv. 12:10).

Que dizer da idéia de que Deus está totalmente separado da natureza, ou seja, que Ele é o totalmente outro? Certamente Deus se apresenta na Bíblia como um ser independente e diferente da sua criação. Ele não faz parte da terra, e a terra não faz parte dEle. Mas Ele está sempre aqui – distinto, mas não separado do mundo.
Na verdade, as pessoas da Bíblia passam bem mais tempo fugindo de Deus do que buscando a Deus "lá em cima". Ao longo de toda a Bíblia, Deus surge incessantemente em todo lugar, sobretudo nos locais menos previsíveis.

Deus no N.T. é o oposto daquela figura distante, alheia ao planeta, como ensinado na desmitologização. Ele se envolve intimamente com esta terra, até as últimas consequências. Em Jesus, Deus se torna um de nós, o Criador que por vontade própria "se fez carne, e habitou entre nós" (Jo. 1:14).

Agora, a questão primordial passa a ser: quando e onde na história da cultura ocidental ocorreu tal separação entre Deus e o mundo, para que as pessoas começassem a conceber um universo livre da participação ativa do Criador? A resposta está em que o cristianismo sempre segui-se crendo na presença atuante de Deus no mundo, mas, logo as portas da mente ocidental foram fechando-se, ao girar nas dobradiças bem lubrificadas da grande Máquina universal. Nova visão de mundo, centralizada no homem e baseada na razão natural, espalhava-se pela Europa, depositando toda confiança nas observações e conclusões empíricas de seres humanos racionais e imperfeitos.
Bultmann faz parte de uma sociedade de iluministas – doutos e intelectuais radicais, que propõem-se a executar a tarefa de secularizar a vida e vedar as portas do universo diante da interferência divina. Se todas as coisas podem ser compreendidas pela razão humana, se o miraculoso (Mirakel) não existe, se não existe nenhum Deus vivo e ativo nas questões humanas, então a fé cristã não passa de uma risível superstição. Se a humanidade é a medida de todas as coisas, como o existencialismo bultmaniano prega, então um Deus pessoal que pode interferir no progresso humano – e pode recriminar os homens por esse progresso – não é somente um problema filosófico, mas um estorvo irritante. Na verdade, Bultmann apoia o deísmo. Deus foi deportado do universo e entronizado como um criador benévolo, necessário para colocar o mundo em funcionamento, mas dispensável ao andamento das coisas daí em diante.
Wayne W. Carley, falando sobre a pesquisa científica da religião, nos assevera que, "na verdade a própria religião, e não a ciência, é ameaçada pela introdução da religião nas aulas de ciência. O evolucionismo pode resistir e certamente resistirá à investigação científica ao longo do tempo. Mas a própria verificação de crenças religiosas como o criacionismo num ambiente científico destrói o fundamento da religião: a fé. Colocar uma crença religiosa sob análise científica, que exige provas materiais, corrói a fé essencial à crença".

Bultmann diz que ciência e fé são excludentes, porém, a história nos mostra que os primeiros cientistas europeus, como Copérnico, Kleper e Galileu, eram cristãos devotos que encaravam a ciência como uma forma de conhecer e glorificar a Deus. Eles acreditavam que a natureza e as Escrituras eram igualmente uma revolução divina; ambas eram

necessárias para compreender melhor o Criador. Agora, com todo o respeito ao Dr. Bultmann, prefiro ouvir os cientistas, não pela fé que tinham, mas por que são pessoas mais confiáveis dentro da ciência para falar sobre ciência! Galileu não via a necessidade de uma ruptura entre ciência e teologia, pois Deus é o Autor dos dois livros – da natureza e das Escrituras.

Rudolf Bultmann deveria ser avisado que se a ciência só lida com o mundo material, não é justo que faça declarações sobre o mundo imaterial. Ao fazê-lo, os cientistas jogam nos dois times ao mesmo tempo, alegando que um time tem de abandonar a disputa por não Ter aparecido para jogar (I Co. 2:13,14). Certamente há aspectos da fé cristã que não podem ser colocados na lâmina do microscópio, pois a ciência é um instrumento poderoso – mas não dá todas as respostas.

Bultmann diz que o N.T., na verdade, é a declaração mitologizada dos homens, isto é, suas palavras não descreveram a realidade do que estavam vendo, eram como se fossem etiquetas falsas penduradas em situações reais. Em Através do Espelho, Alice encontra Humpty Dumpty sentado no seu muro, correndo o risco de cair lá de cima. Durante a confusa conversa que se segue, Humpty Dumpty diz: “Isso é glória para você!” – e explica o que ele quer dizer: “Isso é para você um belo argumento irrefutável”. Alice protesta, dizendo que “glória” não que dizer “um belo argumento irrefutável”. Humpty Dumpty retruca: “Quando uso uma palavra, ela significa exatamente o que quero que signifique – nem mais nem menos”. Desta forma, parece que os escritores da Bíblia estavam como o Humpty Dumpty, mas, mesmo que as palavras pudessem significar o que eles escolhessem, se eles e nós não concordarmos sobre os significados, não podemos sequer travar uma conversa.

Joguemos limpo com as evidências, Tomé não foi convidado a contemplar uma visão de Jesus entre as nuvens. Jesus lhe ofereceu dados – a melhor prova, o seu próprio corpo – e desafiou Tomé a avaliá-lo por si mesmo. Jesus, de fato, bendisse as pessoas que nEle creram sem jamais ver o seu corpo ressurreto. Ele fala, aqui, da maioria dos milhões de pessoas que nEle creram. Mas, esses milhões, tiveram outros tipos de provas! Assim, os cristãos que conhecem a Deus e crêem na Bíblia, podem ter confiança absoluta de que toda verdade é verdade de Deus, e de que ele exprimiu essa verdade na Bíblia e em toda a criação.

Até as leis da ciência natural estão sendo revolucionadas por novos paradigmas! Quando a fronteira entre a realidade física e a realidade virtual é indefinível, quando Gary Kasparov diz que o computador Deep

Blue passou a jogar xadrez como se pudesse pensar, então a contradição se tornou a norma. Se as coisas são assim no mundo da tecnologia, por que não o seriam no místico mundo da religião?

Antes de ponderar se o cristianismo é verdadeiro ou não, temos de perguntar: será que queremos que seja verdadeiro? Aceitá-lo é aceitar a possibilidade de que a minha vida precisa mudar, e convidar Deus a operar as mudanças. Aqui o intelecto pode entrar em conflito com a vontade.
descobrimos que não basta aceitar mentalmente certos fatos como verdadeiros. Mas, precisamos seguir esses fatos até uma Pessoa, e depois seguir essa Pessoa até o fim.

O que ocorreu com Bultmann não é o desejo de descobrir a verdade; é um preconceito filosófico contra o que a Bíblia diz objetiva e claramente. Primeiro ele determinou o que os livros do N.T. não poderiam ter dito (que Jesus operou milagres, ressuscitou, alegou ser o Filho de Deus), depois enquadrou na categoria de mitologização as declarações que não se ajustam aos seus preconceitos.

Quando nós, cristãos, alegamos que a nossa fé é verdadeira, queremos dizer mais do que simplesmente o fato de o nosso livro apresentar com exatidão as verdades a respeito de Jesus. Queremos dizer que nosso Senhor é real e vivo, não um símbolo, uma lenda ou um herói morto (I Co. 15:17). Bultmann retruca que no tempo de Jesus as pessoas não se guiavam por princípios científicos: eram ingênuas e preparadas para crer em milagres. Para refutar essa afirmação, basta lembrar como os discípulos mais próximos de Jesus reagiram à primeira notícia da sua ressurreição: embora fosse a sua maior esperança e o seu maior desejo, não acreditaram (Lc. 24 e Jo. 20). Eles
sabiam tanto quanto nós que pessoas que sofrem a morte por tortura não ressurgem vivas e sãs depois de permanecer sepultadas por três dias.
Bultmann erra ao dizer que a humanidade é a medida de todas as coisas, como se a reconciliação com Deus dependesse única e exclusivamente de nós, como se tivéssemos condições de expiar o nosso pecado, aliás, o que Bultmann entende de pecado é fora do comum! Algo está rompido no nosso relacionamento com o Criador. Não estamos onde deveríamos estar em relação a esse Deus que nos fez. Então, a pergunta crucial para todos nos é: o que é que esse Deus exige para corrigir esse relacionamento? Como é que nós – qualquer um de nós, de qualquer cor, língua ou passado religioso – podemos voltar para Deus? Nós acreditamos que Deus revelou o que exige de nós. Primeiro, precisamos reconhecer que somos responsáveis por esta separação,

pois deliberadamente nos rebelamos contra o nosso Criador. Não podemos reparar o dano. Não podemos – por mais que queiramos, por mais que tentemos – consertar as coisas. Se de fato se fizer algo a respeito dessa separação, quem terá de fazê-lo é o Deus Todo-Poderoso e onisciente que ofendemos. Só podemos confiar naquilo que Deus misericordiosamente realizou a fim de reparar as coisas (II Co. 5:19; I Pe. 2:24; Cl. 1:21,22).

IX. DESMITOLOGIZAÇÃO COMO UM DESPERTADOR À FÉ PRÁTICA

Podemos dizer que a paixão primária de Bultmann é comunicar o Kerygma, ou a mensagem cristã, ao mundo do século XX. A fim de levar a efeito esta tarefa, dedica-se, negativamente, à desmitologização das origens documentárias bíblicas, ao passo que, positivamente, propõe uma análise existencial da proclamação do Evangelho.

Apesar dos questionamentos e críticas à hermenêutica de Bultmann, Westphal diz-nos que ela representa-nos um desafio, pois a teologia que está preocupada com a proclamação, precisa ouvir o ser humano na sua situação concreta, na sua auto-compreensão e na sua existência sofrida de miséria. O livro de Dale & Sandy Larsen explica que existem questões referentes ao cristianismo, que acabaram tornando-se em mitos. E isto, por causa de algumas ações errôneas de alguns cristãos, que tomaram algumas atitudes desprovidas de sabedoria divina, e estes mitos são:

1º. “Os cristãos só sabem julgar os outros. Agem como sentinelas morais da sociedade, e tentam censurar tudo, das artes à educação sexual”.

2º. “A igreja, ao longo dos séculos, sufocou a voz e os dons das mulheres, tratando-as como seres de segunda classe”.

3º. “A religião cristã é alienada do mundo natural. A Bíblia manda subjugar a terra, e a cultura cristã ocidental tomou isso como permissão para explorar danosamente a natureza”.

4º. “O cristianismo é anticientífico. A igreja ao longo da história reprimiu o aprendizado em geral e a investigação científica em particular. Os cristãos promovem até a pseudociência, tentando obrigar a ciência a se enquadrar numa interpretação literal da Bíblia”.

5º. “ Vejam os erros cometidos em nome do cristianismo – das Cruzadas aos escândalos dos televangelistas”.

6º. “Os missionários cristãos forçam os povos indígenas a abandonar a sua cultura. Os cristãos não respeitam o valor espiritual dos costumes e das religiões nativas”.

7º. “Todas as religiões ensinam basicamente a mesma coisa, mas os cristãos insistem em afirmar que a sua religião é a única verdadeira. Afirmam com arrogância que Jesus Cristo é o único caminho até Deus. Isso pode valer para os cristãos, mas não vale para as demais pessoas”.

Poucos se ofendem quando os cristãos seguem um “conjunto de diretrizes morais” pessoal e privado. É quando o tornamos público que incorremos em “santa” indignação, e essa publicidade desmedida e impensada, acaba motivando alguns a tentarem nos imaginar como religiosos cegos e mitologizados! Alguns cristãos usam a clava da justiça moral uns contra os outros tanto quanto contra os não cristãos. Vejo até mesmo a desmitologização de Bultmann, é claro que sem os seus exageros, como que nos lembrando que a implicância com aspectos exteriores sempre foi um modo cômodo de os cristãos driblarem as suas faltas íntimas. Assim, vejo que existem tanto o Wunder quanto o Mirakel na vida cristã, e ambos devem andar de acordo.

A maioria das pessoas concordavam que determinadas coisas eram certas e outras, erradas, mas começavam já a perder de vista o por quê essas coisas eram certas e erradas ou por que sempre haviam sido certas e erradas. Isto faz-me lembrar de uma estória que vi na Internet, com o seguinte título: COMO CRIAR UM PARADIGMA, e que dizia assim:

“Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula, em cujo centro uma escada, sobre ela, um cacho de bananas.

Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros enchiam-no de pancadas. Passado mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.
Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não mais subia a escada. Um segundo foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, da surra ao novato. Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas ficaram, então, com um grupo de cinco macacos que, mesmo sem nunca ter tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar às bananas. Se fosse possível perguntar a algum deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: “Não sei, as coisas sempre foram assim por

aqui...

Vez por outra, questionemo-nos porque estamos batendo...”

A desmitologização também nos desperta para o fato de que muitos cristãos desperdiçam seus bens usando a fé como desculpa para a sua atitude negligente. Li no livro “Sete Mitos Sobre o Cristianismo” que um cristão, quando sendo advertido sobre o cuidado com a ecologia, disse: “Ecologia?, zombou o homem. Por que, irmão? Tudo vai acabar no fogo mesmo...”

Será que a Bíblia e um livro científico não podem ficar lado a lado numa estante ou na mente humana perscrutadora? Ou será que sempre haverá incompatibilidade e conflito? Muitos cristãos que militam nas ciências dizem que a observação do mundo material os arrasta para a fé, não para longe dela. A questão é que, a investigação científica legítima e a teologia honesta precisam reconhecer as limitações do conhecimento humano.

Bultmann, de certa forma, também nos faz pensar sobre a vigilância na vida! Principalmente se tratando de vigilância nos três sentidos deste termo, que são: conservar, reservar e guardar. Se o termo “mundo” no N.T. refere-se a “este mundo visível”, devemos nos lembrar que a alma humana não se submete apenas à matéria. Após a morte, todos saímos do corpo, do mundo (Sl. 89:48). E isto, muitas vezes, nos gera temor que escraviza! “Este mundo” é o mundo do que é passageiro e da morte, que foi originado pelo pecado de Adão e Eva. A morte, assim, não é própria da matéria, mas é própria do pecado (Rm. 6:23). Pelo pecado de Adão e Eva não veio a necessidade da morte, mas a possibilidade da morte. E é aqui onde Bultmann nos auxilia na advertência de que, se nós morremos através da carne, então porque confiarmos na carne?
Mas, para Bultmann, o que realmente significa carne? Acertadamente ele diz que é o visível, o que se toca, o disponível, o passageiro. Quando a carne tem poder sobre mim? Quando ela se torna o fundamento da minha vida; quando vivo “segundo a carne”; quando deixo-me seduzir pelo visível, ao invés do invisível; quando preciso de algo comprovável para minha segurança.

O teólogo alemão diz que nossa vida é marcada pelo “preocupar-se”, e com alguns êxitos visíveis, acabamos confiando na carne. Esta consciência de segurança cria, às vezes, o gloriar-se e, às vezes, com algumas derrotas visíveis, cria-se a “ansiedade”, e esta cria a “desesperança”. Porém, isto não condiz com a realidade invisível, pois o visível não nos traz real segurança, pois a real vida do ser humano é a

invisível. O visível é disponível, mas é passageiro, e quem vive a partir dele, está condenado a ser passageiro (Jo. 10:10).
Do visível surge a escravidão ao temor, a falsa sensação de que podemos perder tudo a qualquer momento, é a incerteza do amanhã. Vida autêntica é a que vive além do visível, renunciando a segurança autocriada e vivendo "segundo o Espírito", é a "vida na fé" (Gl. 2:20). Tal vida só é possível a partir da fé na "Graça de Deus", que é a confiança no invisível. A "Graça de Deus" é graça que perdoa pecados. O pecado é o passado visível que nos prende, e a Graça é o futuro invisível que nos liberta. Isto é fé conservadora: livrar-se, em Cristo, do passado visível, e abrir-se ao futuro invisível conquistado por Cristo. Assim, a desmitologização lembra-nos da nossa distância para com o "mundo" e a "carne", mostrando-nos a postura do "como se não" de Paulo (I Co. 7:29-31). A situação visível não pode nos dominar (Fp. 4:12,13). "Andar em espírito", então, é não viver "segundo a carne". É não viver só o que vejo, mas o que não com os olhos carnais também, e principalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
Apesar de todos os exageros e erros de Bultmann, ele foi um teólogo de suma importância para que pudéssemos repensar as bases da nossa fé. A desmitologização foi um anseio científico por parte de Bultmann, mas também pode ser uma maneira de revermos a nossa vida cristã, se é autêntica em Deus ou se é apenas mera religiosidade infundada e materialista!
Enfim, examine a base da fé cristã. Não aceite apenas a versão de outra pessoa qualquer, só por ouvir dizer, mas analise você mesmo a Bíblia. O que é que ela ensina? Examine a credibilidade do cristianismo. Investigue as provas (Mirakel's e Wunder's). há mais um passo a dar. Por mais que alguém estude e pondere o cristianismo, há ainda a necessidade de tomar uma decisão pessoal – vou ou não me entregar a essa Pessoa? Direi não apesar de todos os indícios, todas as evidências? Ou depositarei a fé em Jesus, dedicando a vida a seguí-lo, não como um grande mestre do passado, mas como o meu Salvador vivo, como o meu Senhor?
BIBLIOGRAFIA BULTMANN, Rudolf. JESUCRISTO Y MITOLOGÍA. 1ª. Ed. em espanhol – Deciembre, 1970. Barcelona. Libros Del Nopal. Ediciones Ariel, S.A.; BULTMANN, Rudolf. MILAGRE – Princípios de Interpretação do Novo Testamento. São
Paulo, SP. 2003. Novo Século; BULTMANN, Rudolf. RUDOLF BULTMANN – Artigos Selecionados. Ed. Sinodal; GUNDRY, Stanley. TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA – Coleção Pensadores Cristãos. Vol. 6. 2ª. Ed. brasileira. Fevereiro de 1987. São Paulo, SP. Mundo Cristão; LARSEN, Dale & Sandy. SETE MITOS SOBRE O CRISTIANISMO – Uma Resposta

Racional às Críticas que Fazem ao Cristianismo. 1ª. Ed. brasileira, 2000. Ed. Vida; RIDDERBOS, Herman N. BULTMANN – Pelo Dr. Herman N. Ridderbos. 1ª. Ed. Recife, 1966. CLEB; WESTPHAL, Euler R. A QUESTÃO DA HERMENÊUTICA EM RUDOLF BULTMANN. Vox Scripturae, 2003. Pp. 89-108.

Estude com fé depois de ter terminado os seus estudos, envie seu questionário com as respostas devidas para o endereço de e-mail: teologiagratis@hotmail.com, se assim quiser, logo após respondido e corrigido o questionário, alcançando media acima de 7,5, solicite o seu Lindo DIPLOMA de Formatura e a sua Credencial de Seminarista formado, também poderá solicitar estagio missionário em uma de nossas igrejas no Brasil ou exterior traves da Federação Internacional das Igrejas e Pastores no Brasil ou Fenipe, que depois do Estagio se assim o achar apto para o Ministério poderá solicitar a sua ordenação por uma de nossas organizações filiadas no Brasil ou no exterior, assim você poderá também receber a sua Credencial de Ministro Aspirante ao Ministério de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Esta apostila tem 21 pagina boa sorte.

Sem nadas mais graça e Paz da Parte de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo bons estudos.

Reverendo Antony Steff Gilson de Oliveira
Pastor da Igreja Presbiteriana Renovada de Nova Vida
Presidente da Federação Internacional das Igrejas e Pastores no Brasil ou Fenipe